

Gênero e raça: inclusão no esporte e lazer

Silvana Vilodre Goellner

Sebastião Josué Votré

Ludmila Mourão

Márcia Luiza Machado Figueira

Introdução

O cotidiano dos projetos sobre esporte e lazer revela grupos de participantes que se identificam com as atividades que lá se desenvolvem e, assim, se tornam assíduos às atividades, trazem amigos e parentes para participar. Por outro lado, há pessoas avessas a atividades em grupo assim como há, também, os pequenos grupos, que não gostam de conviver com grandes grupos. Normalmente, essas pessoas e esses grupos têm alguma característica que os deixa desconfortáveis. Por vezes se sentem discriminados, porque estão fora do padrão corporal, por causa da cor da pele, dos cabelos, por sua preferência sexual e por muitas outras razões que os excluem do fluxo. Quando alguém os convence a participar de projetos sociais chegam tarde, saem cedo e, não raro, abandonam as atividades após algumas semanas. Essas são algumas das razões, (dentre várias outras) pelas quais algumas pessoas e grupos não se identificam com determinado projeto social.

Neste material, examinamos duas razões que merecem atenção especial dos/as monitores/as e coordenadores/as dos projetos sociais: a discriminação de gênero e a discriminação étnico-racial. Entendemos que pertencer aos grupos minoritários quanto a gênero e raça está associado a preconceito e discriminação por parte da maioria. Há outros tipos de discriminação que são igualmente graves e comprometem a participação dos diferentes, a exemplo da discriminação contra as pessoas que não são da mesma idade que a maioria dos participantes, ou contra as pessoas com deficiência.

Temos evidência de que para atrair e integrar os participantes dessas duas minorias, os/as educadores/as devem elaborar atividades inclusivas adequando essas atividades aos interesses e necessidades dos grupos minoritários e adotar uma postura de orientação aberta, na qual os/as participantes interagem com os monitores na elaboração das aulas a serem desenvolvidas. Por fim, torna-se indispensável que se propicie um ambiente acolhedor, sem espaço para violências de qualquer ordem, sejam elas físicas ou simbólicas/verbais.

Nessa perspectiva, os projetos sociais podem e devem se configurar como espaços no quais se respeite a diversidade dos sujeitos e se valorize cada um/a a partir de suas diferenças pois **ser diferente não significa ser desigual**.

Considerando essas afirmações, o objetivo deste material pedagógico é apresentar às pessoas envolvidas com os projetos sociais alguns conceitos, procedimentos, atitudes, referências e dicas que consideramos importantes com vistas a democratizar o acesso de todos às atividades de esporte e lazer. Oferecemos também alguns subsídios teóricos para construir uma intervenção responsável, que esteja atenta à discriminação de gênero e raça/etnia de forma a evitá-la ou, pelo menos, atenuá-la.

PARTE I

Por que pensarmos em gênero e raça/etnia, em programas de esporte e lazer desenvolvidos pelo Ministério do Esporte?

A elaboração deste material se originou da percepção de que em vários programas sociais existem diferenças de acesso e permanência ao esporte e ao lazer entre meninos e meninas, homens e mulheres; brancos, pardos, negros e índios; crianças jovens, adultos e velhos, heterossexuais e homossexuais, deficientes físicos e não deficientes, ricos e pobres. Constatamos também que, em função desses marcadores identitários, alguns sujeitos são excluídos da prática de atividades corporais e esportivas ou, quando incluídos, não têm as mesmas condições de permanecerem nas atividades. De fato, muitas vezes, são alvo de atitudes que colaboram para que se afastem dessas atividades por se sentirem rejeitados pelos grupos e sujeitos que delas participam. Quando nos deparamos com situações como estas, estamos diante daquilo que denominamos de **discriminação** que decorre de diferentes fatores: gênero, orientação sexual, raça/etnia, classe social, habilidade, idade e padrão corporal, entre outros.

Quando trabalhamos com políticas inclusivas é necessário, primeiramente, levar em conta que essas rejeições e exclusões advêm de preconceitos de diferentes ordens. É preciso considerar também que esses preconceitos acabam por limitar o acesso ao esporte e ao lazer, ou restringir tal acesso às pessoas que buscam aderir às diferentes formas de vivenciá-los.

Por certo que o tema exclusão/inclusão permite inúmeras formas de abordá-lo. São várias as dimensões de sua manifestação, no entanto, neste material, centraremos nosso foco a partir de dois marcadores identitários: gênero e raça/etnia, por entendermos que, não raras vezes, são sutis (porém não menos perversas) as distinções e diferenciações que acontecem pelo simples fato de um sujeito ser identificado como masculino/feminino, ou como branco, pardo, negro ou índio.

O levantamento sócio-diagnóstico de que resultou este material pedagógico nos mostrou que, por vezes, não nos damos conta de que muitas das exclusões presentes nas

atividades de esporte e lazer ocorrem inclusive no interior dos projetos sociais que buscam a *inclusão*, acontecem porque os/as profissionais neles envolvidos não estão suficientemente atentos e preparados, tanto para perceber a exclusão, como para lidar com ela de forma eficaz. É nesse sentido que produzimos este material cujo objetivo é fornecer subsídios acerca das distinções de gênero e de raça/etnia buscando qualificar a intervenção daqueles/as que atuam nos projetos sociais, desenvolvidos pelo Ministério do Esporte.

O que temos a ver com isso?

O sucesso de um projeto social não depende apenas de quem o elabora e dos órgãos institucionais que o financiam. Depende, sobretudo, da capacidade das pessoas que o integram: coordenadores/as, executores/as, monitores/as, estagiários/as, professores/as, alunos/as, agentes e líderes comunitários/as, entre outros/as.

Para fazermos uma intervenção de qualidade no que diz respeito à democratização ao acesso às práticas esportivas e de lazer, bem como à educação dos sujeitos envolvidos nestas atividades, precisamos problematizar os discursos e questionar as práticas que circulam no seu entorno muitas das quais, historicamente, têm reforçado atitudes sexistas e racistas.

Quando usamos o termo *problematizar* queremos dizer que é necessário colocar em suspeição algumas *verdades* com as quais nos deparamos cotidianamente, pois, provavelmente, elas não são assim tão *verdadeiras*. Precisamos questionar, por exemplo, a idéia de que a menina que gosta de jogar futebol ou de lutar tem tendência a ser homossexual ou, ainda, que os negros são menos inteligentes que os brancos e por isso tendem a fazer sucesso em carreiras que não precisam de muito estudo, tais como futebol, atletismo e música, como cantor de *funk* e pagode.

Essas idéias que circulam ao nível do senso comum podem não ser conscientes e tendem a ser tomadas como naturais. Entretanto, não são ingênuas nem mesmo desprovidas de um forte caráter discriminatório e preconceituoso. Evidenciam, de certo modo, o tratamento diferenciado que nossa sociedade atribui aos diferentes grupos sociais que a compõem. Parte dessas idéias, que são produzidas e cultivadas pelas elites dos grupos dominantes, se apresentam como parte da cultura nacional, como algo que não cabe discutir. Entretanto, são idéias de brancos, com o ponto de vista branco. Por

isso, precisam ser analisadas, questionadas e ainda, problematizadas e isso é tarefa que cabe a todos/as nós, pois, faz parte da dimensão política da vida na qual estamos todos/as imbricados/as. Portanto, não se exima: faça a sua parte!

O que podemos alcançar agindo em prol de uma perspectiva inclusiva no que diz respeito a gênero e a raça/etnia?

Ao nos comprometermos com as questões relacionadas com as discriminações de gênero e raça/etnia no esporte e no lazer, estaremos contribuindo para:

- Identificar, denunciar e desqualificar os estereótipos culturalmente construídos, que controlam e imobilizam papéis e funções específicas para homens e mulheres, para brancos, pardos, negros e índios.
- Reduzir as desigualdades de acesso e permanência nas atividades de esporte e lazer para homens e mulheres e para brancos, pardos, negros e índios.
- Criar condições para o enfrentamento dos preconceitos e da discriminação de gênero, por orientação sexual e étnico/racial, entre outras.
- Favorecer uma mudança cultural a partir da disseminação de conceitos, comportamentos e atitudes igualitárias, que valorizem a diversidade e as diferenças culturais entre os sujeitos.
- Compreender o caráter perverso do mito da democracia racial brasileira, segundo o qual somos um país composto por diferentes etnias que convivem em harmonia, sem discriminação.
- Discutir e propor formas de resistências contra a injustiça e a desigualdade de gênero, de orientação sexual e de raça/etnia.

- Identificar e desestabilizar os discursos discriminatórios (racistas e sexistas) presentes nas mídias eletrônicas e impressas, nos materiais didáticos, nas músicas, filmes, nos romances e nas novelas, na literatura infanto-juvenil e em outros artefatos culturais que circulam no nosso cotidiano.
- Tomar consciência do papel que a linguagem desempenha na produção e reprodução das desigualdades, dos preconceitos, valores e atitudes de discriminação e preconceito contra pessoas e grupos que estão fora do padrão dominante. Mostrar que a linguagem produz formas explícitas e formas sutis de racismo, sexismo e homofobia, pois, nos discursos que circulam nas mídias e nos materiais didáticos, bem como na conversação espontânea, reproduzem-se esses preconceitos e essas atitudes, inclusive quando o tom é de brincadeira.
- Proporcionar à comunidade que participa das atividades de esporte e lazer, um atendimento qualificado cujo acontecer respeita as diferenças, as tradições e a cultura dos sujeitos e grupos sociais envolvidos.

PARTE II

Um pequeno glossário

Às vezes ouvimos algumas palavras que nos soam estranhas, por não termos a menor idéia do que elas significam. Mas essa situação é relativamente rara. O mais comum é imaginarmos os seus significados a partir de nossas vivências pessoais ou daquilo que já conhecemos sobre elas. A idéia de esboçarmos um pequeno glossário tem como objetivo esclarecer o uso de algumas palavras e expressões que encontramos no nosso dia-a-dia, relacionadas a gênero e raça/etnia para, assim, proporcionar elementos para que possamos entender um pouco mais sobre aquilo que esses termos querem dizer.

Para alcançar uma perspectiva inclusiva no que diz respeito a gênero e a raça/etnia, mostramos o que queremos dizer, quando se falamos em:

Assédio sexual

Assédio pode ser considerado como um tipo de atitude ou comportamento invasivo, por pessoas que detêm poder sobre subordinados, incluindo-se brincadeiras e comentários, que insultam, intimidam, humilham, que são maliciosos ou ofensivos para uma pessoa ou grupo de pessoas. O assédio cria, assim, um ambiente desconfortável àqueles a quem é direcionado. Quando esse comportamento tem foco no sexo, diz-se assédio sexual. O assédio sexual, portanto, caracteriza-se como alguma ameaça, insinuação de ameaça ou hostilidade que envolve, por exemplo, favores sexuais.

No Brasil o assédio sexual está assim definido na Lei nº 10. 224, de 15 de maio de 2001: "Constranger alguém com intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente de sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerente ao exercício de emprego, cargo ou função".

Bissexual

Pessoa que se relaciona sexual e afetivamente com pessoas de ambos os sexos.

Democracia racial

Suposto sistema de harmonia racial, em que todos, independentemente de raça, se respeitariam e teriam garantidos os seus direitos como cidadãos.

Diversidade

Termo utilizado para fazer referência às diferenças existentes entre as pessoas, tais como as diferenças culturais, de gênero, étnicas, raciais, religiosas, de geração, de inserção social e de situação econômica, entre outras. Em uma sociedade justa, todas as pessoas são consideradas iguais em seus direitos, independentemente de suas características pessoais e sócio-culturais, a exemplo de raça, etnia ou sexo.

Embranquecimento

Movimento sócio-cultural de identificação e atribuição racial, que tem o branco como referência e como meta a ser atingida.

Equidade de gênero e raça

O acesso de todas as pessoas aos direitos universais deve ser garantido com ações de caráter universal, mas também por ações específicas e afirmativas voltadas aos grupos historicamente discriminados. Buscar a equidade de gênero e raça significa, portanto, eliminar as situações existentes de discriminação e de desigualdade para os grupos de menos poder, como mulheres e negros.

Etnia

O termo etnia é frequentemente utilizado como sinônimo de raça. No entanto, enquanto “raça” se refere mais aos aspectos biológico (cor da pele, cabelos, formato de nariz e lábios), “etnia” sustenta conotação mais cultural (tradições, ritos, práticas etc). O agrupamento étnico revela certas semelhanças culturais, normalmente associados a aspectos sócio-históricos.

Gay

Termo utilizado para fazer referência à identidade social atribuída a um homem de orientação sexual homossexual, ou seja, que se relaciona sexual e afetivamente com uma pessoa do mesmo sexo.

Gênero

Condição social através da qual nós nos identificamos como masculinos e femininos. Não é algo natural que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os sujeitos a partir daquilo que se identifica como masculino ou feminino.

Exemplificando: jogar futebol é mais masculino do que feminino e dançar é mais feminino do que masculino. Essas afirmações não são “naturais”, mas construídas em cada cultura e, por esse motivo, não são iguais em todos os povos e grupos sociais.

Generificado

Termo utilizado para dizer de algo que é marcado pelas relações de gênero. O esporte e a dança, por exemplo, são espaços generificados, uma vez que produzem e reproduzem práticas e discursos que generificam os corpos e os sujeitos, ou seja, marcam-nos a partir daquilo que cada cultura define como masculino ou feminino.

Homofobia

Termo utilizado para fazer referência ao desprezo, ódio e medo dirigido às pessoas homossexuais. Pode ser considerado como uma forma de preconceito e de discriminação contra aquelas pessoas que vivem a sexualidade de outro modo que não orientado pela heterossexualidade. A homofobia revela-se como uma violência contra gays, lésbicas, transexuais e travestis e, muitas vezes, é usada como justificativa para atitudes agressivas.

A homofobia acontece, também, em forma de narrativas, ditados, anedotas, brincadeiras, piadas e adivinhações. Essa atitude pode gerar o afastamento de jovens homossexuais das atividades propostas visto que, freqüentemente, eles são alvos de práticas agressivas, de natureza discriminatória.

Identidade

É a forma como nos identificamos, nos diversos contextos sociais nos quais estamos envolvidos. Por isso podemos falar de identidade sexual, racial, religiosa e profissional, entre outras. É a posição de sujeito que assumimos nas mais distintas situações. A identidade, portanto, não é algo que se origina de uma suposta essência, nem é homogênea, fixa ou acabada. A identidade está sempre em processo de construção. Depende de algo fora dela, para existir. Assim, a identidade feminina se depende da masculina, que ela não é, mas que fornece as condições para que ela exista. A identidade é, assim, marcada pela diferença.

Identidade de gênero

Trata-se de uma construção histórica, cultural e social, que se faz acerca dos sujeitos e que está relacionada com as distinções que se baseiam no sexo. Refere-se a como os sujeitos se identificam como masculinos e femininos. Essa identificação de gênero pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento. Por exemplo, uma pessoa pode nascer homem e apresentar uma identidade de gênero feminina.

Identidade étnico-racial

Trata-se de uma construção histórica, cultural e social que se faz acerca dos sujeitos e está relacionada com as distinções que se baseiam em aspectos biológicos (cor da pele, formato do cabelo, do nariz) e culturais (ritos, tradições etc.). Por exemplo: identidade afro-brasileira faz referência a um grupo específico: descendentes de africanos, que para cá vieram como escravos e que vivem em locais onde houve uma forte imigração e cultivam hábitos e tradições originárias daquele continente.

Identidade sexual

Trata-se de uma construção através das quais os sujeitos experienciam os afetos, desejos e prazeres corporais, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou solitárias. A identidade sexual também não é fixa nem imutável: uma mesma pessoa, ao longo de sua vida, pode apresentar mais de uma identidade sexual, ou seja, ser heterossexual, homossexual ou bissexual.

Imagem corporal

Entende-se por imagem corporal o modo como as pessoas vêem e sentem o seu corpo e os corpos de outros/as; é algo que se desenvolve ao longo da vida. A maneira

como a cultura e a mídia representam os corpos masculinos e femininos, a moda, as tradições culturais e as atitudes de colegas são fatores que influenciam as pessoas em busca de uma imagem de corpo ideal.

Inclusão

Direito de convivência das pessoas que se afastam do padrão dominante, em diferentes espaços sexuais e étnico-raciais, independentemente das diferenças face ao padrão.

Lésbica

Identidade social atribuída à mulher homossexual, ou seja, que se relaciona sexual e afetivamente com pessoas do mesmo sexo.

Orientação Sexual

Significa a orientação que cada sujeito dá à ao exercício da sua sexualidade. Em outras palavras: “a direção ou a inclinação do desejo afetivo e erótico” (BRASIL, 2007).

Raça

O termo identidade racial foi usado no século XIX para referir-se a um grupo humano que se distinguia de outros por apresentar características físicas, biológicas ou genéticas homogêneas, a exemplo da distinção entre raça branca e raça negra. O conceito não se sustenta do ponto de vista biológico. Trata-se, portanto, de uma construção discursiva histórica cujo uso evidencia relações de força e de dominação que existem dentro de uma sociedade.

Racismo

Termo utilizado para a discriminação, produzida pelo grupo que detém mais poder, que considera como inferiores as pessoas e os grupos humanos com características físicas diferentes daquelas do grupo discriminador. Verifica-se racismo quando se atribuem características negativas de comportamento e personalidade às pessoas apenas por seu vínculo racial/étnico.

Uma dificuldade em lidar com a questão do racismo reside no fato de o mesmo ser freqüentemente negado ou ter-se tornado algo trivial a ponto de ser considerado uma brincadeira, uma atividade benevolente e não agressiva.

Sexo

Termo que serve para descrever as características anatômicas e fisiológicas que diferenciam homens e mulheres. Ainda que essas distinções sejam dadas no nascimento o significado atribuído a elas é cultural e histórico, como se vê nas expressões *belo sexo*, *sexo fraco* e *sexo forte*.

Sexismo

Termo utilizado para expressar preconceito, discriminação e violência, com base no sexo e no gênero, sobretudo em relação às mulheres, mas também para com os homens. Manifesta-se, por exemplo, cada vez que se inferiorizam mulheres/homens apenas em função de serem mulheres/homens.

Sexualidade

A sexualidade é entendida como uma construção histórica e social e não como algo que é inerente ao ser humano. Envolve uma série de crenças, comportamentos, relações e práticas que permitem a homens e mulheres viverem, de determinados modos, seus desejos e seus prazeres corporais.

Socialização

Processo através do qual um indivíduo se torna membro funcional de um grupo social, assimilando características e hábitos desse grupo, assimilando também a cultura presente do grupo social em que se insere. É um processo interminável, que começa pela imitação dos hábitos, gestos e falas dos membros do grupo com o qual queira se socializar e se realiza através da comunicação e adesão aos costumes deste mesmo grupo.

Transgênero

Termo empregado para fazer referência a indivíduos que não se enquadram nas definições de homem e mulher, na forma como são construídas socialmente. Inclui travestis, transformistas, intersexos, transexuais etc.

Referências para os termos do glossário

Para a elaboração desse glossário utilizamos várias referências bibliográficas, a saber:

AQUINO, Julio G. *Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998.

BENTO, Berenice. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos. *Cadenos SECAD n. 4*. Brasília, fev.2007.

BORILLO, Daniel. *Homofobia*. Barcelona: Bellaterra, 2001

GUIMARÃES, Antônio S. *Preconceito racial: modos, temas e tempos*, v.6, São Paulo: Cortez, 2008.

FERREIRA, Maria E. ; GUIMARÃES, Marly. *Educação inclusiva*. 1 ed, Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SILVA, Tomaz T. da (Org). *Identidade e diferença*. 4 ed, Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica. 2000

RIBEIRO, Paula R. *et al. Educação e sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceito, homofobia...* Rio Grande: Editora da FURG, 2008.

SILVA, Carlos A. F. da e VOTRE, Sebastião J. *Racismo no futebol*. Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora, 2006.

SIMÕES, Antônio. *Mulher e esporte: mitos e verdades*. 1ed. São Paulo: Manole, 2003

LOURO, Guacira L. *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autentica. 2001

LOURO, Guacira L *Gênero, sexualidade educação: uma perspectiva pós-estruturalista*.
Rio de Janeiro: Vozes, 2004

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. Louro, Guacira L. *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica. 2001

Parte III

Para desenvolver uma ação inclusiva no que respeita a gênero e raça/etnia, precisamos saber e compreender que:

- As meninas/mulheres têm menos oportunidades para o lazer do que os meninos/homens porque, não raras vezes, desempenham atividades domésticas relacionadas ao cuidado com a casa e a educação dos irmãos, entre outras.
- Os meninos/homens têm poucas oportunidades para o lazer porque, não raras vezes, no mercado de trabalho informal, desempenham atividades de “*bicos*”, para auxiliar na renda familiar.
- A educação das meninas é mais direcionada ao espaço privado do que ao público, diferentemente dos meninos que, desde cedo, são incentivados a ir para a rua (inclusive para trabalhar).
- A forma de viver a sexualidade tomada como correta e normal é a heterossexual. Outras formas são tomadas, muitas vezes, como incorretas, doentias, desviantes e, por isso, muitas vezes, não são consideradas nem respeitadas.
- Como o esporte é identificado como uma prática viril, quando as meninas apresentam um perfil de habilidade e comportamento mais agressivo para o jogo, muitas vezes, sua feminilidade é colocada em suspeição. Atitudes dessa natureza acabam por restringir a inserção e permanência delas no campo esportivo.
- Da mesma forma, quando os meninos não se adaptam ao esporte, sobretudo, às práticas coletivas ou aderem a práticas corporais, como a dança, também colocam em suspeição sua masculinidade.

- Historicamente a população negra e indígena, no Brasil, possui menores possibilidades de acesso a educação, saúde, esporte e lazer, dadas as adversidades com as quais se depara como, por exemplo, índice de pobreza.
- Os negros representam 49,5% da população brasileira; mas as mídias (TV, cinema, jornal, literatura) têm mais de 80% de personagens brancos.
- A diversidade étnico/racial faz parte da constituição do Brasil (índios, negros, ciganos e imigrantes de inúmeras etnias). Ainda que essa diversidade seja muitas vezes considerada como positiva por conferir ao país muitas tradições, culturas, rituais, a identidade étnico-racial de negros e pardos não é respeitada. O preconceito racial contra os afrodescendentes e os índios é uma realidade.
- A existência de preconceitos e violência que determinados sujeitos sofrem *apenas* por pertencerem a determinada identidade de gênero ou de raça/etnia é desigual: é mais visível para gênero e mais silenciosa para raça.
- Na linguagem cotidiana são recorrentes as expressões e palavras ofensivas de cunho racista, sexista e homofóbico, tanto nas narrativas quanto nas piadas, adivinhações, trocadilhos e demais brincadeiras verbais.

O que podemos fazer para modificar este contexto de discriminação?

Muitas das questões aqui apontadas são difíceis de serem trabalhadas junto aos grupos que participam das atividades que integram os projetos sociais nos quais estamos envolvidos. É exatamente por isso que precisamos conhecer mais sobre essas questões, de forma a termos subsídios para problematizá-las, debatê-las, questioná-las, revelar seu caráter injusto e perverso. Pois negar o problema só contribui para que a discriminação se reforce cada vez mais e, desse modo, seja vistas como natural ou normal.

Um projeto que busca a inclusão social deve, necessariamente, priorizar essas questões, de forma a minimizar as discriminações, os preconceitos, as desigualdades que acontecem nos projetos, sejam elas por questões relacionadas ao gênero e a raça/etnia ou por qualquer outra razão (idade, religião, classe social, capacidade física etc).

Para alterar este contexto de injustiça social, torna-se necessário agirmos em prol de mudanças e estas podem ser pequenas e/ou grandiosas.

Eis algumas sugestões que podemos pôr em prática de imediato:

- Criar um bom ambiente entre os participantes da atividade proposta e garantir que cada pessoa possa se expressar livremente e que seja escutado/a e respeitado/a em suas opiniões.
- Incentivar a prática de atividades esportivas para todos/as, independentemente de gênero, orientação sexual ou raça/etnia, integrando grupos indígenas e quilombolas nas atividades desenvolvidas e promovendo atividades nas quais meninos e meninas, homens e mulheres participem conjuntamente.
- Recusar e denunciar a naturalização que se faz acerca dos gêneros bem como as noções tradicionais de que determinados esportes são para os meninos e outros para as meninas.
- Recusar e desestabilizar a naturalização que se faz acerca de raça, bem como a crença de que atividades esportivas mais complexas devem ser desenvolvidas por brancos, enquanto as que são mais simples e brutas devem ser realizadas por negros.
- Oferecer atividades em turnos diferenciados visando adequar-se aos interesses e disponibilidades de horário e às condições de trabalho dos participantes.
- Prestar atenção para o uso de palavras e expressões que denotam sexismo, racismo e homofobia e combater esse uso, sem cessar. Pois muitas vezes essas

palavras e expressões estão tão arraigadas na cultura, sob a forma de patrimônio coletivo, que sequer percebemos seus significados. Por exemplo:

“Aquilo é um programa de *índio*” (quando se faz referência a algo negativo, sem graça).

“João parece uma *menina* jogando handebol” (referência a pouca habilidade de um menino para o esporte – indica que as mulheres são pouco habilidosas para os esportes).

“A Maria é, mesmo um *Ronaldinho* de saias” (referência à menina que joga muito bem o futebol – indica que os homens são os referentes do esporte e as mulheres, quando se mostram boas atletas, se parecem com eles).

“A situação lá no projeto tá *preta*” (uso negativo de termos que se referem à cor preta, extensível ao negro).

“O Brasil foi bem representados *pelos* atletas que participaram dos Jogos Pan-Americanos” (evitar a supressão do feminino, pois foram atletas homens e mulheres que participaram. Sugere-se usar *pelos/as*).

“O lazer tem muita importância no desenvolvimento integral do *homem*” O uso genérico do termo *homem* para referir-se a humanidade/sociedade, acaba por invisibilizar o protagonismo das mulheres. Seria mais adequado, por exemplo, dizer *humanidade*.

- Procurar identificar situações onde acontecem discriminações e buscar interferir de forma a minimizá-las e evitá-las.
- Não se eximir do papel de educador/a, pois nossa intervenção faz diferença!

PARTE IV

Dicas de filmes, *sites* e livros

Por considerarmos que a educação acontece em todos os espaços sociais (inclusive nos projetos sociais) e que não está relacionada apenas aos materiais didáticos, apresentamos a sugestão de alguns filmes que podem ser usados tanto nas atividades desenvolvidas quanto na nossa formação, visto que suas temáticas possibilitam ampliarmos conhecimentos sobre as questões de gênero e de raça/etnia e sua articulação com as práticas de esporte e lazer.

FILMES

Filmes que tematizam gênero e práticas corporais e esportivas

Ela é o cara (EUA, 2007)

Diretor: Andy Fickman

Quando a adolescente Viola descobre que o time feminino de futebol é cortado de sua escola, ela resolve se disfarçar de seu irmão gêmeo para jogar no time masculino da escola dele. Só que ela acaba se apaixonando pelo colega de quarto do irmão, Duke, ao mesmo tempo em que começa a ser assediada por Olivia, a garota por quem Duke é apaixonado. As coisas ficam mais complicadas ainda quando o verdadeiro irmão gêmeo de Viola, Sebastian, aparece.

Gracie (EUA, 2007)

Diretor: Davis Guggenheim

Gracie Bowen tem 15 anos e é a única menina numa família com três irmãos que vivem na cidade de New Jersey. Toda a vida de sua família gira em torno do futebol: seu pai e seus três irmãos são obcecados pelo esporte que praticam todos os dias, de manhã até a noite. Mas uma tragédia inesperada muda a vida de Grace, quando seu irmão mais velho e único protetor, Johnny, estrela do time de futebol da faculdade, morre num acidente de

automóvel e faz com que ela inicie uma luta pelo direito de todas as garotas jogarem em times de futebol competitivos.

Lírios d'água (França, 2007)

Diretora: Céline Sciamma

Num subúrbio de Paris, em pleno verão, três amigas de 15 anos praticam nado sincronizado e, enquanto convivem pelos corredores e vestiários da academia, despertam entre si os primeiros sentimentos de desejo, amor e violência. O nado sincronizado é tomado como uma metáfora, pois, na superfície, os rostos aparecem sorridentes, mas abaixo da linha d'água há muito esforço para garantir tal aparência. Uma efervescência de movimentos nem sempre tão suaves e coordenados.

Jump In! (EUA, 2007)

Diretor: Paul Hoen

Izzy Daniels é um adolescente do Brooklyn que está se preparando para se tornar campeão de boxe, para realizar um sonho do seu pai. No entanto se interessa por um novo um novo tipo de esporte, que é uma variante e um aperfeiçoamento da antiga brincadeira de pular corda, agora como esporte competitivo com concurso ao final e tudo. O roteiro, embora seja banal, apresenta conflitos com o pai, que deseja que ele seja boxeador como ele, e com os colegas, que acham que a nova prática esportiva do garoto é coisa de mulher.

Treinando com papai (EUA, 2007)

Diretor: Andy Fickman

Narra a história de um jogador de futebol americano, solteiro e que descobre que tem uma filha de 7 anos, resultado de um último encontro com sua ex-esposa. A garota passa a morar com ele, o que faz com que ele tenha que se dividir entre treinos, festas e aulas de balé clássico, além de outras atividades com as quais não está acostumado.

Murderball - Paixão e Glória (EUA, 2005)

Diretores: Dana Adam Shapiro e Henry-Alex Rubin

O documentário mostra as seleções de rúgbi em cadeiras de rodas dos Estados Unidos e do Canadá em busca de uma vaga nas Para-Olimpíadas de Atenas, realizadas em 2004. Também aborda questões pessoais dos jogadores, que têm dificuldades para fazer

atividades simples, mas que, ao mesmo tempo, se superam a cada jogo e transformam suas existências em uma grande prova de coragem, ousadia e expressão de virilidade.

Hooligans (EUA e Reino Unido, 2005)

Diretor: Lexi Alexander

Após ser expulso injustamente da Universidade de Harvard, Matt Bruckner decide ir para a casa de sua irmã em Londres. Lá ele faz amizade com seu cunhado que o apresenta ao submundo dos hooligans do futebol inglês. Logo Matt aprende a marcar seu território, através das amizades que desenvolve neste mundo secreto e violento marcado por representações de virilidade e masculinidade.

Ginga (Brasil, 2006)

Diretores: Hank Levine, Marcelo Machado e Tocha Alves

Documentário que narra pequenas histórias de 10 jovens brasileiros, cujo sonho é entrar no universo do futebol. Dentre esses jovens encontram-se duas mulheres e um deficiente físico. O filme narra a ginga como um diferencial do futebol brasileiro.

Mauro Shampoo: jogador, cabeleireiro e homem (Brasil, 2005)

Diretores: Leonardo Cunha Lima e Paulo Henrique Fontenelle

O documentário apresenta Mauro Shampoo, cabeleireiro e ex-jogador de futebol que ficou famoso por jogar no Íbis Sport Club conhecido como o pior time de futebol do mundo. Permite a discussão de gênero em função da profissão do jogador que, culturalmente, não está associada à masculinidade.

Disponível em: http://www.portacurtas.com.br/pop_160.asp?cod=4544&Exib=1

Os Reis de Dogtown (EUA, 2005)

Diretora: Catherine Hardwicke

Nos anos 70 as ruas de Venice, na Califórnia, foram palco de uma revolução no mundo do skate. Um grupo de amigos decide levar os movimentos do surf para o skate, criando movimentos agressivos e sinuosos. Eles formam os Z-Boys, um grupo que na sua grande maioria é formado por jovens que levam uma vida difícil em casa. Treinando em piscinas vazias da cidade, eles aos poucos vão se tornando verdadeiras lendas dentro do universo do skate.

A luta pela Esperança (EUA, 2005)

Diretor: Ron Howard

Jim Braddock era considerado um prodígio do boxe, mas foi obrigado a se aposentar prematuramente devido a uma série de derrotas no ringue. Com os Estados Unidos em meio à Grande Depressão, Jim aceita viver de bicos para poder sustentar sua esposa e os filhos. Jim sempre sonhou com a oportunidade de retornar ao mundo do boxe e tem sua chance quando, devido a um cancelamento de última hora, é escalado para enfrentar o 2º pugilista na disputa do título mundial. Para surpresa de todos Jim vence três lutas consecutivas, mesmo sendo bem mais magro que seus oponentes e tendo ferimentos nas mãos. Ele passa então a ganhar o apelido de "Cinderella Man" e se torna o símbolo de esperança dos desprivilegiados da época.

Menina de Ouro (EUA, 2004)

Diretor: Clint Eastwood

Frankie Dunn é um treinador de boxe que já conquistou vários títulos. É quando aparece em sua academia Maggie Fitzgerald. O problema é que Frankie nunca aceitou ser treinador de mulher alguma. O relacionamento de ambos vai crescendo, enquanto Maggie trabalha duro para se sustentar e ajudar sua família. Após muito esforço ela consegue com que Frankie seja seu treinador. Os dois juntos conseguem muitas vitórias, Maggie se torna uma ótima lutadora, até que um acontecimento muda definitivamente o destino dessas duas pessoas.

Billy Elliot (Inglaterra, 2000)

Diretor: Stephen Daldry

Billy Elliot é um garoto de 11 anos que vive numa pequena cidade da Inglaterra, onde o principal meio de sustento são as minas da cidade. Obrigado pelo pai a treinar boxe, Billy fica fascinado com a magia do balé, com o qual tem contato através de aulas de dança clássica que são realizadas na mesma academia onde pratica boxe. Incentivado pela professora de balé, que vê em Billy um talento nato para a dança, ele resolve então pendurar as luvas de boxe e se dedicar de corpo e alma à dança, mesmo tendo que enfrentar a contrariedade de seu irmão e seu pai à sua nova atividade.

Damas de Ferro (Tailândia, 2000)

Diretor: Yongyooth Thongkonthun

O sonho dos atletas gays tailandeses Mo e Jung se realiza quando um novo treinador chega à cidade. Os rapazes, que sempre foram recusados ao tentar ingressar em outras equipes por serem homossexuais, conseguem finalmente montar o seu próprio time para o campeonato estadual que se aproxima. Com o auxílio de outro atleta, Chai, o único que não é gay, eles partem na busca de velhos colegas para o time. Forma-se então o time que ficou famoso ao vencer o campeonato em 1996. O relacionamento entre os atletas vai se solidificando através do esporte e fazendo com que eles vençam os obstáculos do preconceito, com talento, improvisos e muito bom-humor. Em 2002 foi produzido o "Damas de Ferro 2 - Os primeiros passos", uma continuação do primeiro filme.

Mulan (EUA, 1998)

Direção: Tony Bancroft e Barry Cookpós

Quando os mongóis invadem a China, o imperador decreta que cada família ceda um homem para o exército imperial. Com isso, uma jovem fica angustiada ao ver seu velho e doente pai ser convocado, por ser o único homem da família. Ele precisa ir, mesmo sabendo que certamente morrerá, para manter a honra da família. Assim, sua filha rouba sua armadura e espada, se disfarça de homem e se apresenta no lugar do pai, mas os espíritos dos ancestrais decidem protegê-la e ordenam a um dragão, que havia caído em desgraça, que convença a jovem a abandonar seu plano. Ele concorda, mas quando conhece a jovem descobre que ela não pode ser dissuadida e, assim, decide ajudá-la a cumprir sua perigosa missão de ir para a guerra e voltar viva.

Cartão Vermelho (Brasil, 1994)

Diretora: Laís Bodanzky

Fernanda gosta de jogar futebol com os meninos. Joga bem, dribla, faz gol. Mas, para essa moleca de 12 anos, o apogeu de sua intimidade com a bola é fazê-la voar reta, direta, até o saco dos meninos. Então, ela sorri. Certo dia, ela chega correndo para o bate-bola, atrasada, mas não encontra ninguém. Os meninos estão no esconderijo. Fernanda sabe onde é, mas nem imagina o que eles tramam!

Disponível em http://www.portacurtas.com.br/pop_160.asp?cod=265&Exib=5937

Uma equipe muito especial (EUA, 1992)

Diretora: Penny Marshall

Durante a II Guerra Mundial, com os homens lutando fora do país, é fundada nos EUA uma liga feminina de basebol, a All-American Girls' Professional Baseball League. Para montar um time, são procuradas garotas de diversas partes do país para jogar em Chicago. O esporte vai ajudar essas mulheres a superar uma fase difícil, e o treinador alcoólatra também verá uma chance de melhorar sua vida.

A pequena sereia (EUA, 1989)

Diretor: Ron Clements e John Musker

Ariel é a filha caçula do Rei Tritão, comandante dos sete mares, que está insatisfeita com sua vida. Ela deseja caminhar entre os humanos para conhecê-los melhor, mas sempre é proibida por seu pai, que considera os humanos como sendo "bárbaros comedores de peixe". Até que ela se apaixona por um jovem príncipe e, no intuito de conhecê-lo, resolve firmar um pacto com Úrsula, a bruxa do reino, que faz com que ela ganhe pernas e se torne uma verdadeira humana. Entretanto, Úrsula também tem seus planos, e esses incluem a conquista do reino de Tritão.

Onda nova (Brasil, 1983)

Diretores: Ícaro Martins e José Antônio Garcia

O time Gaivota Futebol Clube é formado por garotas super amigas que jogam o jogo da vida com a mesma intensidade, alegria e energia com que entram em campo. Amores, loucuras, desilusões, drogas, exercício da sexualidade e aventuras são temas recorrentes no filme, cujo contexto se desenvolve no Rio de Janeiro dos anos 1980.

Filmes que tematizam raça/etnia e práticas corporais e esportivas

Munique (EUA, 2005)

Diretor: Steven Spielberg

Baseado em acontecimentos reais, o filme conta a história de um esquadrão do serviço secreto israelense designado para perseguir e matar 11 palestinos suspeitos de terem

planejado o massacre ocorrido nos Jogos Olímpicos de 1972, realizados em Munique, onde 11 atletas israelenses foram mortos.

Preto contra branco (Brasil, 2004)

Diretor: Wagner Morales

Uma tradição de três décadas é o ponto de partida do documentário *Preto contra branco*. O filme discute o preconceito racial no Brasil, usando como referência um "clássico" do futebol de várzea entre moradores de dois bairros periféricos de São Paulo. A equipe do documentário passou uma semana entrevistando personagens, acompanhando o dia-a-dia dos bairros, em um processo que culmina no jogo. Trata-se de um verdadeiro ritual, no sentido antropológico, que serve para atenuar as tensões raciais locais ao mesmo tempo em que acaba por revelá-las.

Um dia em setembro (Suíça/Inglaterra/Alemanha, 1999)

Diretor: Kevin MacDonal

Os Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, foram palco de uma ação de terroristas palestinos que tomaram atletas israelenses como reféns. O documentário mostra o desenrolar do seqüestro, seu desfecho trágico com a morte de 11 atletas e suas conseqüências no combate ao terrorismo e na luta dos palestinos. São apresentadas entrevistas com policiais que tentaram resolver o impasse, com parentes das vítimas e com o único terrorista vivo que participou da ação.

Jamaica abaixo de zero (EUA, 1993)

Diretor: Jon Turteltaub

O filme narra a história da primeira equipe olímpica jamaicana de 'bobsled'. Eles eram quatro atletas negros com um sonho impossível: competir nas Olimpíadas de Inverno em um esporte que desconhecem - a corrida de 'Bobsled'! Apoiando-se uns aos outros para dar tudo por tudo, eles respondem ao desafio e tornam-se heróis - arrastando consigo toda a assistência aos jogos.

Olympia - Parte 1 e Parte 2 (Alemanha, 1938)

Diretora: Leni Riefenstahl

Olympia é um documentário épico no qual estão registrados os Jogos Olímpicos de Berlim, realizados em 1936. Polêmico, é, por vezes, criticado em virtude da ideologia

que veicula. Financiado por Hitler, o filme contém algumas seqüências que parecem apoiar o mito da superioridade ariana. O documentário consegue, porém, transcender a política e é, acima de tudo, um hino às proezas atléticas e à poesia do corpo humano em movimento. Olympia é um triunfo artístico. É considerado pela crítica mundial, insuperável na estética pictorial, além de estar entre os dez maiores documentários de todos os tempos.

Filmes que tematizam gênero, raça/etnia e práticas corporais e esportivas

Fora de jogo (Irã, 2006)

Diretor: Jafar Panahi

Mostra o universo feminino dentro do futebol, ilustrado pela história de uma garota que tem o sonho de ver no estádio o jogo entre Irã e Barein, pelas eliminatórias da Copa do Mundo da Alemanha. A entrada de mulheres no estádio, porém, é terminantemente proibida no território iraniano. Por essa razão, a garota tenta, por meio de vários disfarces, passar pela polícia e realizar o impossível em seu país.

O xadrez das cores (Brasil, 2004)

Diretor: Marco Schiavon

Cida, uma mulher negra de quarenta anos, vai trabalhar para Maria, uma velha de oitenta anos, viúva e sem filhos, que é extremamente racista. A relação entre as duas mulheres começa tumultuada, com Maria tripudiando em cima de Cida por ela ser negra. Cida atura a tudo em silêncio, por precisar do dinheiro, até que decide se vingar através de um jogo de xadrez.

Disponível em http://www.portacurtas.com.br/pop_160.asp?Cod=2932&exib=5937

Driblando o destino (EUA, 2003)

Diretora: Gurinder Chadha

O sonho de Jesminder Bhamra é seguir o caminho de seu ídolo David Beckham e se tornar uma jogadora profissional de futebol. Entretanto ela enfrenta problemas em sua família, que deseja que ela siga os costumes indianos tradicionais, assim como sua irmã

mais velha, Pinky. O confronto entre as partes chega ao ápice quando Jesminder é obrigada a escolher entre a tradição de seu povo e seu grande sonho.

O milagre de Berna (Alemanha, 2003)

Diretor: Sönke Wortmann

O filme mostra duas histórias que têm como pano de fundo a Copa de 1954 e a consagração da seleção alemã na competição. No final da Segunda Guerra Mundial, uma família alemã é dividida em duas. Depois de oito anos, o pai volta da Rússia e os problemas para se inserir na rotina de sua família ficam evidentes. A segunda história é sobre um repórter e sua esposa que cobrem o evento.

Promessas de um mundo novo (EUA/Palestina/Israel, 2001)

Diretores: Justine Arlin, Carlos Bolado e B.Z. Goldberg

Retrata a história de sete crianças israelenses e palestinas em Jerusalém que, apesar de morarem no mesmo lugar, vivem em mundos completamente distintos, separados por diferenças religiosas. Com idades entre 8 e 13 anos, raramente elas falam por si mesmas e estão isoladas pelo medo. Neste filme, suas histórias oferecem uma nova e emocionante perspectiva sobre o conflito no Oriente Médio. Assistir a jogos de futebol é um dos eventos que os une.

Duelo de Titãs (EUA, 2000)

Diretor: Boaz Yakin

Herman Boone é um técnico de futebol americano contratado para trabalhar no comando de um time universitário dividido pelo racismo, os Titãs. Inicialmente, Boone sofre preconceitos raciais por parte dos demais técnicos e até mesmo de jogadores do seu time, mas aos poucos ele conquista o respeito de todos e torna-se um grande exemplo para o time e também para a pequena cidade em que vive.

Livros infantis e infanto-juvenis

BRANDÃO, Toni. *Badgá, o skatista*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2006.

BRANCO, Sandra. *Por que meninos têm pés grandes e meninas pequenos?* Ilustração Ema Neves. São Paulo: Cortez, 2004.

LOPES, Cida. *Nem tão rosa, nem tão azul. Ser menino e ser menina*. Ilustrações Belli Studio. s/l: Edições Todo Livro, s/d.

MEZZOMO, Victor Arthur et al. *Diferente é divertido*. Passo Fundo, RS: s/ed, 2005.

RIBEIRO, Marcos. *Menino brinca de boneca?* Ilustração Bia Salgueiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

LITERATURA

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

FELINTO, Marilene. *As mulheres de Tijucopapo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FERRÉZ. *Capão pecado*. São Paulo: Labortexto, 2000.

_____. *Manual prático do ódio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

_____. *Ninguém é inocente em São Paulo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

FREIRE, Marcelino. *Balé Ralé*. São Paulo: Ateliê, 2003.

_____. *Contos negreiros*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 17. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

MELO, Patrícia. *Inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MOLICA, Fernando. *Bandeira negra, amor*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. 11. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

TREVISAN, Dalton. O negro. In: *Mistérios de Curitiba*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.

Livros indicados para o aprofundamento dos estudos sobre gênero e raça/etnia

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA MULHERES E DESPORTO. *Despertar para a igualdade: mais desporto na escola*. Porto: Saúde, Sá & Ca, Ltda. 2005.

ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: SENAC, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos. *Cadernos SECAD n. 4*. Brasília, fev.2007.

CANCLINI, Nestor. G. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CARVALHO, Maria J., CRUZ, Isabel. *Mulheres e desporto: Declarações e recomendações internacionais*. Portugal: Associação Portuguesa Mulheres e Desporto, 2007.

DALCASTAGNÉ, Regina. *Quando o preconceito se faz silêncio: relações raciais na literatura contemporânea*. GRAGOATÁ, n° 24, 2008.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Euza. M. P. *A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Quartet, 2008.

GOMES, Paula B et al. *Equidade na educação: educação física e desporto na escola*. Queijas: Associação Portuguesa Mulheres e Desporto, 2000.

GOELLNER, Silvana. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*, vol. 13, n. 2, maio-ago 2007, p. 171-196.

GOELLNER, Silvana. V. COUTO, Edvaldo. S. (Org). *Corpos mutantes: Ensaios sobre novas deficiências corporais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

GONÇALVES, Ana M. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LOURO, Guacira L (Org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira L., GOELLNER, Silvana e FELIPE, Jane. (Org). *Corpo e Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais*. Brasília: SECAD, 2006.

NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (Orgs.). *Juventude e sociedade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre (Orgs.). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo, 2005.

PEREIRA, Erik. G. , ROMERO, Elaine. (Orgs.). *Universo do corpo: masculinidades e feminilidades*. Rio de Janeiro: SHAPE, 2008.

QUEIROZ, Renato da S. *O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza*. São Paulo: SENAC, 1999.

RIBEIRO, Paula R. (Org.) *Corpos, gênero e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar. Anos Finais*. Rio Grande: Editora da FURG. 2007.

RODRIGUES, João C. *O negro brasileiro e o cinema*. São Paulo: Pallas, 2001.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens*. 3 ed. São Paulo: Clássicos Martins Fontes, 2003.

SANT'ANNA, André. *O paraíso é bem bacana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SARAIVA, Maria do C. *Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito*. Ijuí: Unijui, 2005.

SARTORI, Ari e BRITTO, Néli. (Orgs.) *Gênero na educação: espaço para a diversidade*. Florianópolis: Genus, 2008.

SCHWARCZ, Lilia. *Racismo no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2001.

SILVA, Mário et al. *O que é raça? um debate entre antropologia e biologia*. Lisboa: Espaço OIKOS, 1997

SILVA, Paula. *A construção/estruturação do gênero na Educação Física*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Gênero, 2008.

SILVA, Paulo V. B. da; ROSEMBERG, Fúlvia. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In: DIJK, Teun A. van (Org.). *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008.

VALPORTO, Oscar. *Atleta, substantivo feminino: as mulheres brasileiras nos jogos olímpicos*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2006.

VAN DIJK, Teun. *Racismo e discurso na América Latina*. São PAULO: Contexto, 2008.

VENTURI, Gustavo et al. (Orgs). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. 1 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

VILLAR, Cristina e VILLARINO, Maria Ángeles F. *A realidade físico-deportiva das mulleres em Galicia*. Xunta de Galicia: Servizo Galego de Igualdad, 2008.